



MONÓLOGO A TERRA PORTUGUESA

Olá, senhor! Ben hajais!
Louvados olhos os meus!
Ora então, como passais?
Eu vou bem, graças a Deus.
Perdoai as minhas falas
E a minha rude franqueza,
Mas não sou gente das salas:
— Sou a Terra Portuguesa!

Por isso, de rosto a rosto
E de alma a alma, vos digo
Que vos tenho no meu gosto
E vos trato por amigo!
Amigo: bem-vindo sois!
E, como em velhas usanças,
Eu vos saúdo — e ora, pois,
Recebei minhas lembranças!

Com elas vos quero dar
As provas do meu sentir!
— Eh, gentes, podeis entrar!
— Eh, meus filhos! Podeis vir!

Vinde todos, com presteza!
Vinde todos de uma vez!
Ponde em cima desta mesa
O coração português!

Da raia de Trás-os-Montes
Que serve de ninho ao sol,
Lá onde cantam as fontes
Em português e espanhol,
Lá, onde nasce a saudade
E as pedras tocam o céu,
Fez-se esta manta quentinha,
Para aquecer a amizade
Entre o vosso povo e o meu,
Entre a vossa alma e a minha!

Das terras que o Douro banha,
No seu rumo desigual,
(O Douro, sangue da Espanha
E sangue de Portugal)
Das terras de duras fráguas
Onde o sonho anda sozinho
E onde o milagre das águas
Faz o milagre do vinho,
Chega este barco rabelo
Que o Douro em ouro esculpiu,
Ouro do fino cabelo
Das ninfas de ouro do rio!

Este traje de noivado
É do Alto Minho, onde a altura
Veio florir nas janelas!
Trajo na cor enganado,
Pedaço da noite escura
Todo bordado de estrelas!
(E sobre a noite, a flutuar,
As rendas alvas do luar!)

Esta toalha de linho
Em fino crivo tecida,
Chega de pouca distância...
Que ela seja — oh, meu vizinho —
Na mesa posta da Vida,
A toalha da abundância!

Mais vos dou a branca imagen
Da pureza que me exalta:
— Uma colcha de ramagem,
Igual à neve selvagem
Das serras da Beira-Alta!

E mais vos trago, senhor,
Como num sonho de lenda,
Redes do mar, espuma em flor,
Que o povo deste redor
Transmudou em fina renda!

E aqui tendes a Aventura
Que da Terra dei ao Mar
Com a bênção do mistério!
Ribatejo e Estremadura,
Nas mãos, como num altar,
Vão erguer a Nau do Império!

E a Caravela voltou
Cheia do sonho do Oriente...
— Nesta colcha que vos dou,
A Beira o sonho bordou
E fez da ausência o presente!

E por fim, todo o Alentejo,
E Algarve — o berço do amor,
Onde cada flor é um beijo
E cada beijo uma flor!

Em ambos: «doces»... Qual fosse
Toda a doçura do povo.
— Pois que tendo a boca doce
Haveis de voltar, de novo!

Ai, fina fibra de palma
Que o montanheiro vos trouxe!
"Té o doce sabe a alma!
"Té a alma sabe a doce!

Mas o Alentejo repete
A oferenda dos seus braços...
— Na mensagem dum tapete
A terra amiga promete
Atagar os vossos passos!

E agora vou terminar
Sem mais falas, nem tardança...
Mas antes, quero-vos dar
A minha melhor lembrança.

Pois se tal vos não acanha,
Ou não vos parece mal,
Vou dar ao Povo de Espanha
O abraço de Portugal!



Este monólogo, original del escritor luso Manuel Trigueiros, fué leído por María Manuela de Viana en el Castillo de Leiria, durante la simbólica ofrenda de las regiones portuguesas al Jefe del Estado español y su esposa. En tanto se realizaba la entrega de las galas.